# Feito por Luis Antonio Gomes Amorim Felix

Inicialmente, a palavra **"correr"** nos permite inferir sobre diversos outros arranjos linguísticos já consolidados no cotidiano brasileiro, quais sejam: (a) "corrida", o ato físico ou competição; (b) "corredor", o local de passagem ou o agente da ação; e (c) o "corre", termo que transmutou de verbo para substantivo para designar o esforço diário pela sobrevivência. Para compreender a formação linguística em destaque, devemos primeiro entender o processo de derivação pelo qual ela foi submetida, partindo da comparação entre termos técnicos e expressões populares.

Ao observar o ambiente urbano, visualizamos que o conceito de "fazer um corre" dispõe de uma semântica rica, envolvendo desde a prestação de serviços rápidos até a venda de mercadorias em ambientes informais. Isso é possível porque, para além da ação física, a palavra carrega novos "empréstimos" de significado que não sofrem alterações drásticas na fala popular, mas ganham força como um estrangeirismo cultural dentro do próprio idioma.

A palavra "corrida" provém do processo de derivação que ocorreu em "correr". Nesse caso, observamos a permanência do morfema lexical **"-corr"**, a subtração da desinência verbal e o acréscimo do morfema gramatical derivacional **"-ida"**. Este último, muitas vezes ligado à ideia de um evento ou de uma profissão, como vemos no caso dos motoristas de aplicativo. Assim, a corrida é uma realidade encontrada em muitos locais espalhados pelo país. Apesar do que o nome sugere, nesses ambientes de "corre" também são comercializados outros produtos, como serviços rápidos e alimentação de rua, tornando-se um ponto de apoio para quem está em movimento. Como se nota, podemos encontrar alguém "no corre" em qualquer esquina, porém, o sucesso financeiro derivado desse esforço ainda não é algo acessível para todos na sociedade, sendo por vezes um objetivo de luxo para muitas famílias brasileiras.

Em **"corredoura"**, palavra que sofre o mesmo processo de formação da anterior, inferimos que ela vem de "correr", o ato de deslocar-se, e que nos remete também a "correnteza" ou "corredor". Ela é formada pelo morfema lexical **"-corr"** e o morfema gramatical derivacional **"-doura"**. O sufixo "-doura" (ou "-douro") é um dos recursos produtivos da língua portuguesa, utilizado para formar nomes que indicam lugar ou instrumentos de ação intensa. O "corre" tornou-se uma referência ao estilo de vida acelerado, ganhando uma significação que remete a qualquer aglomerado de pessoas reunidas para trabalhar, produzir ou se divertir de forma frenética.

Muitas vezes, essa cultura nasce em produções independentes, no interior dos distritos ou nas periferias, em locais com populações que precisam ser criativas para prosperar. O ritmo do cotidiano se

espalhou ao ser ecoado pelas redes sociais e dancinhas, tornando-se um fenômeno popular difícil de rastrear em sua origem exata. Mas, em meio a discordâncias acadêmicas, os usuários da língua apontam que essa "pisadinha" da vida real — o corre — é o que move a economia invisível do país. Todavia, hoje essa expressão está sendo falada em boa parte do território nacional, presente na voz de grandes artistas e no vocabulário de todas as classes.

Chegando finalmente à palavra **"Corredoura"**, concordamos que sua formação também se dá pelo processo de derivação por substituição de morfemas. Pontuamos também sobre a semelhança sonora: embora não sejam homófonas perfeitas como no caso de "pizzeiro" e "piseiro", existe uma rima interna e uma cadência que aproximam o termo do imaginário popular. Podemos inferir que o autor dessa construção a tenha realizado não só pela estrutura gramatical, mas pelo conhecimento da força que o movimento tem no cenário atual.

Por fim, inferimos que o "corre", além de ser um espaço de esforço, procura apresentar um serviço que atenda o paladar e o "bolso" do brasileiro da melhor forma. Diferente de locais fechados e burocráticos, esse espaço é aberto e está para atender todos os públicos, com foco nas classes menores que precisam de agilidade. Adaptando o pensamento comum, "o povo gosta é do corre", pois é nele que as pessoas se sentem atraídas não só para lutar pelo pão de cada dia, mas também para construir sua identidade e consumir o que o país produz de mais autêntico.